Virgílio Hipólito Correia
Museu Nacional de Conimbriga | Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
vrglcorreia@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4051-7111

NOTA SOBRE A PRODUÇÃO DE CERÂMICA NO PERÍODO TARDO-ANTIGO EM *CONIMBRIGA*

A NOTE ON THE LATE-ANTIQUE POTTERY PRODUCTION IN *CONIMBRIGA*

"Conimbriga" LXII (2023) p. 145-162

http://doi.org/10.14195/1647-8657_62_8

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2021
Texto aprovado em / Text approved on: 05/04/2022

Resumo: Apresenta-se um conjunto de dados, provenientes de recentes trabalhos e de pesquisa em arquivos de anteriores escavações, relativos à presença de uma oficina tardo-antiga de produção cerâmica em *Conimbriga*.
O forno, principal elemento reconhecido dessa oficina (escavado em 1966) é caracterizado como um forno de câmara simples de ventilação descendente e comparado com outras instalações artesanais contemporâneas. A produção desse forno é caracterizada dentro dos conjuntos de grés conhecidos.
A oficina é datada numa flecha compreendida entre a segunda metade do séc. V e o séc. VII d.C.

Palavras-chave: *Conimbriga*; Cerâmica; Tardo-antiguidade.

Abstract: A set of data from recent work and archival research on previous excavations is presented, relating to the presence of a late-antique pottery workshop in *Conimbriga*.
The kiln, the main recognizable element of this workshop (excavated in 1966) is characterized as a single chamber downdraught kiln and compared to other contemporary craft installations. The probable production of this kiln is characterized within the known pottery groups.
The workshop is most likely dated between the second half of the 5th and the 7th century AD.

Keywords: *Conimbriga*; Pottery; Late-Antiquity.

NOTA SOBRE A PRODUÇÃO DE CERÂMICA NO PERÍODO TARDO-ANTIGO EM *CONIMBRIGA*[1]

Introdução

Esta nota é motivada por uma indagação arqueológica e arquivística sobre a produção de cerâmica na época tardia, em *Conimbriga*, no contexto de um projeto de sondagens na chamada "Casa de Andercus" (Fig. 1).

Esse projeto, em curso[2], tem entre os seus objetivos, testar os resultados de um exercício de prospeção geofísica por georradar (Barraca, 2019), destinado, a um outro nível, a vir um dia a permitir a reconstituição do urbanismo de *Conimbriga* na parte não escavada da cidade, com bases sólidas (e não meramente como exercício teórico). Acessoriamente, as sondagens permitiram também fazer uma primeira amostragem sistemática de vestígios paleobotânicos, através de flutuação de sedimentos – campo no qual, pela primeira vez, se trabalhou em *Conimbriga* – que, quando combinado com outras informações, nomeadamente aquelas dos estudos de fauna, dará contributos para o desenho de um quadro de interpretação do abastecimento das cidades romanas, na ótica da exploração do território[3].

---

[1] Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2019, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Research Developed under the Project UID/ELT/00196/2019, funded by the Portuguese FCT – Foundation for Science and Technology.

[2] Trabalhos arqueológicos PNTA (Procº nº DRC/2004/06-04/444/PATA/13454 [C.S.:192161]), aprovados por despacho de 16/09/2019. Entretanto (16/10/2023) concluídos. Relatório final disponível em http://hdl.handle.net/10400.26/42024. Aguarda-se a publicação dos resultados em artigo na Revista Portuguesa de Arqueologia.

[3] Projeto B-Roman: "Exploração e consumo de recursos biológicos no ocidente Ibérico em Época Romana", financiado pela FCT (PTDC/HAR-ARQ/4909/2020), coordenado por João Pedro Tereso (CiBio, Un. Porto) e Cleia Detry (Uniarq, Un. Lisboa).

A seleção da Casa de Andercus como área adequada para o prosseguimento destas linhas de investigação fundou-se nas circunstâncias históricas da investigação em *Conimbriga*. Por um encadear de razões, a *insula*, de cujo proprietário se conhece o nome pela inscrição dum capitel (Etienne *et al.*, 1976: 111-112, nº 99), foi ao longo dos anos delimitada por várias escavações em três dos seus lados, evidenciando a sua posição central no urbanismo de *Conimbriga*, sem que do seu interior se conhecesse algo e com apenas duas *tabernae,* viradas para a Rua das Termas, tendo sido escavadas (Correia, 2013: 112-115).

A revisão dos dados conhecidos, publicados nas *Fouilles de Conimbriga* e/ou arquivados no Museu Monográfico, levou à revalorização da escavação de um forno, localizado na rua que divide o edifício das Termas do Sul, que parece ter merecido dos escavadores uma atenção que hoje classificaríamos como insuficiente. Isto incluiu a possibilidade de identificar a produção cerâmica de uma instalação que, como tal classificada, não recebeu outros contributos.

Um achado (um fragmento de rela de roda de oleiro), que noutras circunstâncias poderia ter sido descartado como insignificante, veio catalisar estes problemas na forma que aqui se apresenta.

Relas de roda de oleiro em *Conimbriga*

As Escavações Antigas de *Conimbriga* (1930-1960) não recolheram, tanto quanto é dado apreciar retrospetivamente, nenhuma rela de roda de oleiro. Só nas escavações Luso-francesas (1964-1971) foram identificadas quatro delas, de que três foram publicadas (Alarcão *et al.*, 1979: 29-30) estando o conjunto parcialmente exposto no Museu Monográfico (Correia, 2021a: 43, nºs 5.1-5.3).

Estas peças, quanto à matéria, dividem-se equitativamente entre o quartzito (sob a forma de seixos rolados) e o material cerâmico de construção reaproveitado.

A profundidade dos efeitos de rotação do torno (nomeadamente nas peças de quartzito) sugere que o eixo de rotação era munido de uma ponta metálica e documenta-se que uma das peças foi usada sucessivamente em duas posições diferentes.

Estratigraficamente, uma peça é atribuível ao séc. I d.C., ou até antes, já que provém de um nível de construção das Termas do Sul

(na fase flavio-trajânica). Os restantes provêm de níveis associados à destruição dos monumentos (fórum, termas), podendo corresponder a deslocações de materiais.

O fragmento de rela de roda de oleiro recolhido nas escavações da Casa de Andercus, em 2021.G VII.25(2A)[4], foi produzido sobre um fragmento de tijolo com cerca de 4 cm de espessura (Fig. 2). Para funcionar como rela, o tijolo (provavelmente já ele um fragmento) foi grosseiramente desbastado, o que lhe terá conferido uma forma vagamente hexagonal.

Os efeitos da rotação do eixo da roda têm cerca de 3 cm de diâmetro (o que parece ser aproximadamente idêntico em todas as peças). Verifica-se que a perfuração produzida foi repetida em ambas faces do fragmento de tijolo, que terá sido usado em dois episódios consecutivos de reutilização, chegando à perfuração completa da peça (o que terá implicado obrigatoriamente o seu descarte).

O contexto de recolha (com as reservas que é necessário colocar à análise da estratigrafia numa área relativamente limitada de uma *insula* maior), corresponde a uma bolsa que afetou um nível espesso de destruição ativa das estruturas do edifício, manifestamente aberta para recolha de pedras de construção e que atingiu cotas relativamente profundas, ao nível de utilização das estruturas de época imperial. Não se verificou a presença dos materiais de maior dimensão e das principais perturbações que caracterizam outros níveis de destruição dos grandes monumentos, que implicaram revolvimentos muito mais potentes, até em áreas vizinhas (cf. corte estratigráfico 13, em Alarcão e Etienne, 1977: 258). Esta apreciação desvaloriza (sem poder completamente descartar) a hipótese de o fragmento ter sido sujeito a grandes deslocações, e sugere a sua atribuição à ocupação do próprio local.

A presença na *insula*, em época a determinar, de uma roda de oleiro, sugere de imediato a sua associação ao forno conhecido nas suas imediações (Alarcão e Etienne, 1977: 168, II pl. 96-2), que foi categoricamente identificado como um forno cerâmico.

---

[4] O sistema de coordenadas de *Conimbriga* (idealizado por J. M. Bairrão Oleiro com a colaboração da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) está descrito em Etienne *et al.*, 1976: 10-11, sendo também mencionado nos volumes III (o primeiro a ser publicado), IV e VI das *Fouilles de Conimbriga*. O sistema continua a ser utilizado nas escavações empreendidas no sítio, com as necessárias adaptações.

O forno

O forno localizado em 66.G VI.14/15(2) é um forno de câmara simples, de planta circular (c. 1,15m de diâmetro) e com fornalha de alimentação curta (c. 30cm, para uma abertura de c. 40cm), aparentemente construído com grandes blocos de argila (originalmente adobes?), bem representado por um croquis incluído nos relatórios da escavação do setor, da autoria de Jacques Clémens e Maria Beatriz Oliveira (cf. Alarcão *et al.*, 1979: 276), conservados no arquivo do Museu Monográfico de Conimbriga[5] (Figs. 3, 4).

Deveria tratar-se de um forno de ventilação descendente (Hodges, 1964: 37-38). Neste caso, é necessário admitir, em primeiro lugar, que não se terá localizado em escavação a exaustão, que poderia ter sido obtida mediante simples perfurações na base do forno, entretanto tornadas indetetáveis pelos processos pós-deposicionais sofridos pela estrutura. Em segundo lugar, é mais fácil admitir que a separação entre a fornalha (*bag-wall* ou *baffle-wall* na terminologia inglesa: guarda-fogo) seria constituída por um dispositivo amovível, que se terá perdido ou terá sido intencionalmente descartado na última utilização do forno.

Esta reconstituição é importante, já que as temperaturas superiores obtidas por este tipo de forno (Hodges, 1964: 37-38) são consistentes com a determinação das temperaturas de cozedura dos grés de *Conimbriga* (Seixas, 1974: 195-198) que, como se indicará no ponto seguinte, terão sido parte das produções aqui cozidas.

Este forno é de tipo singular entre os fornos de época tardia conhecidos em *Conimbriga*.

Na mesma zona da cidade e em idêntica posição estratigráfica (sobre a Rua das Termas que, manifestamente, já não funciona enquanto tal), um outro forno – 66.G VIII.14 (Alarcão e Etienne, 1977: 168, II pl. 96-1) – mas de planta quadrangular e construção em tijolos, implantou-se sobre a fachada da Insula do vaso fálico. Os escavadores não arriscaram hipóteses sobre a sua funcionalidade.

Também sem indicações sobre a sua funcionalidade são os dois

[5] Localizado numa zona marginal da escavação, que esteve encerrada ao público entre 1971 e 2004, sendo irregular a manutenção aí levada a cabo, o forno deteriorou-se significativamente ao longo dos anos, estando atualmente reduzido a vestígios da sua base. Estes foram alvo de medidas de proteção (espera-se que mais eficazes) em 2019 (Fig. 5).

fornos localizados junto à Basílica paleo-cristã, escavados por Isabel Pereira em 1973, quando se pesquisava o abastecimento de água ao batistério, e documentados pela primeira vez em 1985 por Salete da Ponte (Tsakalidou, 2019: 7-8). São ambos de planta circular alongada, construídos em tijolo e munidos de câmara de cozedura separada da combustão por um solo de *laboratorium*, de que restaram os suportes. Um deles (85.C 80.F1, Fig. 6) implanta-se sobre a rua. O outro (85.C 77.F2, Fig. 7) fica dentro do edifício, e utiliza o solo de *opus signinum* de um antigo tanque como base. Não é claro se funcionaram em conjunto, ou se se sucederam no tempo, em coincidência locacional (sem que a sequência interna se possa, *a priori*, determinar).

Instalados dentro de edifícios, tal como 85.C 77.F2, e sendo também claro que eles ainda eram utilizados enquanto tal (mesmo se com as suas condições habitacionais diminuídas pela presença dessas instalações industriais) conhecem-se também fornalhas metalúrgicas, em dois outros edifícios de *Conimbriga*: uma junto ao Anfiteatro – 2015.G XVII.35/38 (que foi dedicada ao trabalho do bronze, tendo sido destruída no 3º quartel do séc. V. Correia, 2019: 170-171); outra na Casa atribuída a Cantaber – C 22A (dedicada à refinação de *electrum* e datada do séc. VI. Correia *et al.*, 2021).

É interessante notar que, em todos estes três casos, são identificáveis na arquitetura envolvente alterações arquitetónicas que os edifícios sofreram, presumivelmente para adaptar as antigas residências ao seu novo uso industrial[6]. Assiste-se portanto nestes contextos a uma evolução orgânica dos edifícios, que implica a sua funcionalidade, concomitantemente a sua estrutura interna e também a sua relação com as vias envolventes.

A dispersão urbana destas instalações artesanais (e, deste ponto de vista, o elemento das relas de roda de oleiro que ainda não tinham sido consideradas), testemunha uma longa continuidade da instalação na cidade destas atividades, incluindo as artes de fogo (Correia, 2021b: 129-130 e 134). O período tardio (globalmente considerado como aquele posterior à construção da muralha baixo-imperial) não traz neste domínio nenhuma novidade, mas tão só, quando combinado com outros

[6] Nomeadamente: entaipamento de porta (Fig. 8) e amortização do tanque revestido a *opus signinum*, em C 77; estreitamento de porta e instalação de um mezanino no compartimento contíguo ao do forno em 2015.G XVII.35/38 (Fig. 9); elevação do pavimento em C22A.

fenómenos de degradação das condições de habitabilidade (como a multiplicação de lixeiras intra-muros. Reis *et al.*, 2011: 196-198), um agravamento exponencial dos fenómenos de apropriação dos espaços públicos, com graves consequências na circulação viária.

A produção cerâmica do forno

A pesquisa levada a cabo no arquivo do MMC permitiu identificar as peças cerâmicas provenientes do contexto do forno, que representarão a última produção aí levada a cabo[7].

Os fragmentos identificados no contexto do forno, em condições não expressas, nem no relatório, nem na publicação, mas que determinaram a categórica classificação do forno como destinado à produção de cerâmica (Alarcão e Etienne, 1977: 168) e a identificação dos fragmentos cerâmicos recolhidos como pertencentes ao último exercício dessa produção (expressa no relatório), são dois, com as reservas já expressas. Trata-se de uma peça em grés e de outra de um fabrico afim da cerâmica quartzo-micácea.

Este segundo é um fragmento de prato/frigideira de forma idêntica ao tipo Fouilles V 1040 (= Alarcão, 1975, *s.v.*), que é um tipo fabricado em grés. O tipo é de atribuição estratigráfica incerta, mas do ponto

[7] Não se pode descartar a hipótese de uma revisão do material em reserva no MMC poder vir futuramente a encontrar outras peças do mesmo contexto. O processo de seleção e estudo dos materiais de *Conimbriga* atravessava várias etapas: i) lavagem e triagem seguida de marcação do material diagnóstico; ii) seleção de material para desenho e sua documentação e arquivo; iii) estudo do material, produzindo a respetiva "ficha de estudo" com numeração sequencial; iv) seleção para publicação, nomeadamente nos volumes de estudos monográficos dos materiais respetivos das *Fouilles de Conimbriga* e/ou no capítulo dos "Horizontes Estratigráficos" do vol. I. Nenhum material deste contexto chegou à etapa iv) [material em reserva assinalado como "Publicado"]; os fragmentos cerâmicos aqui apresentados são aqueles que atingiram a etapa ii) [material "Desenhado, não estudado"]; não é portanto provável que haja material por identificar que tenha atingido a etapa iii) [material "Estudado"]; mas é possível que haja ainda fragmentos diagnósticos que tenham sido negligenciados logo a partir da etapa i) ["Não desenhado"], nomeadamente se ocorressem várias peças da mesma tipologia. A digitalização da reserva do MMC não está suficientemente avançada para fazer remotamente essa pesquisa neste momento, e uma busca física *ad hoc* consumiria um volume desproporcionado de meios, para um resultado sempre falível.

de vista formal corresponde a utensílios que foram sucessivamente – ou talvez até simultaneamente – produzidos em cerâmicas calcíticas (Fouilles V 382-388, 1008-1013), em grés (Fouilles V 718-723), e noutros fabricos (a peça em causa), pelo menos, entre o período flaviano e a destruição do fórum (Alarcão, 1975: 143-153). Conhecem-se outros casos de cerâmicas, tipicamente produzidas em grés, que surgem nalguns casos fabricadas, no período tardo romano, também noutras argilas (v.g. Correia e Roquinho, 2021: 29-32, nº 11).

O outro é um fragmento de bordo e bojo de pote em grés de tipo Fouilles V 890B, também ele de atribuição estratigráfica incerta, à data da publicação. No entanto, escavações mais recentes permitiram identificar o tipo nos conjuntos estratigráficos A e E da Casa do mediano absidado, o que permite datá-lo com alguma precisão. O fragmento do conjunto estratigráfico A pode ser material de arrasto em estratos posteriores (Ruivo e Correia, 2021: 164), mas o conjunto estratigráfico E (Ruivo e Correia, 2021: 172) tem a sua cronologia estabelecida pelo conjunto estratigráfico D, que se lhe sobrepõe e que é *terminus ante quem*, radiocarbonicamente datado do séc. VIII (Ruivo e Correia, 2021: 170), e com um *terminus post quem* dos meados do séc. V, que é a data limite da *terra sigillata* africana aí presente (Ruivo e Correia, 2021: 172) e que conforta a cronologia do tesouro numismático associado, que reuniu numária já de longo uso, num percurso que terá sido atribulado (Ruivo, 2006: 207).

A produção do forno cerâmico, tanto quanto se pode avaliar pelos dois fragmentos em causa, poderá portanto datar-se entre a segunda metade do séc. V e o séc. VII d.C., podendo designar-se com propriedade como suevo-visigótica (cf. Alarcão e Etienne, 1977: 251).

Considerações finais

Com as reservas indispensáveis à disparidade das informações aqui manejadas e ao caráter limitado de algumas delas, parece todavia possível afirmar claramente que é possível apontar a localização e caracterizar sumariamente uma oficina de produção cerâmica de época suevo-visigótica em *Conimbriga*.

A oficina instala-se num antigo edifício doméstico, certamente já bastante deteriorado, mas ainda reconhecível enquanto tal. O espaço viário envolvente, também ele substancialmente descaracterizado,

é apropriado para o funcionamento de parte dessa oficina (o forno cerâmico).

Esta oficina produz (pelo menos no último momento da sua atividade) grés, sob a forma de frigideiras e potes, mas usa oportunisticamente outros tipos de argila. As frigideiras escolhem um modelo tradicional remontando pelo menos ao séc. I. Os potes escolhem modelos novos, característicos pelas paredes decoradas por caneluras e pelos bordos finamente moldurados, que se tornarão muito comuns em épocas posteriores (De Man, 2006: 157-164 [Fase III, 172]). Parecem estar ausentes (mas é um argumento *ex silentio*) as formas mais características da cerâmica medieval aqui conhecida (De Man *et al.*, 2014), os púcaros e os alguidares.

O forno poderá ter tido uma capacidade de 0,65m^3 (calculando uma hemiesfera com 1,15m de diâmetro) e não parece possível que tenha atingido o 1m^3. A capacidade da fornada seria, portanto, limitada, condicionando a escala de produção.

Já não operariam neste momento as tradicionais oficinas cerâmicas que em plena época imperial se dedicaram à produção de fabricos cerâmicos muito característicos, integradas em estruturas económicas mais complexas, que abrangiam a cerâmica utilitária, a industrial e o material de construção, como as de *Apr(...), Bolosea, Cilia, Maelo* ou *Sabinus* (Correia, 2004), ou uma instalação como a da Casa de Andercus a elas não pertencia.

Em segundo lugar, esta indagação permite evidenciar a possibilidade e a oportunidade de, em contraste fino entre o que é conhecido das produções cerâmicas conimbrigenses e os novos conjuntos estratigráficos que a investigação vai isolando, com um grau de precisão superior aos anteriores, aperfeiçoar a cronologia daqueles tipos que foram atribuídos, sem mais detalhe, à ocupação tardia, "bárbara", da cidade. Para tal, dispõe-se agora de um novo quadro geral de interpretação histórica (Correia e Ruivo, 2021), que permite enquadrar a investigação corrente num espetro cronológico alargado, mais consentâneo com o avanço do conhecimento, dos anos 70 do séc. XX para cá.

A um outro nível, comprova-se a importância de uma instituição como o Museu Monográfico de Conimbriga manter e desenvolver a capacidade de dar continuidade à investigação de campo na cidade que lhe cabe proteger, gerir e abrir ao público, também como forma de assegurar a integração permanente dessa investigação com o manancial

de fontes de conhecimento que o seu projeto cultural produz desde, pelo menos, 1899. Neste projeto, as Escavações Luso-francesas, iniciadas em 1964 por Robert Etienne e João Manuel Bairrão Oleiro, têm um papel de preponderante destaque, o que nunca é demais lembrar, inclusivamente naqueles aspetos onde elas necessitam de ser revistas e complementadas (senão sobretudo nesses), precisamente para melhor as valorizar, no cinquentenário do seu encerramento.

REFERÊNCIAS

Alarcão, Jorge (1975) – *Fouilles de Conimbriga V, La céramique commune, locale et régionale*, Paris: MAFP/MMC.

Alarcão, Jorge; Etienne, Robert (1977) – *Fouilles de Conimbriga I, L'Architecture*, Paris: MAFP/MMC.

Alarcão, Jorge; Etienne, Robert; Alarcão, Adília M.; Ponte, Salete da (1979) – *Fouilles de Conimbriga VII, Trouvailles diverses – Conclusions générales*, Paris: MAFP/MMC.

Barraca, Nuno (2019) – *Prospeção geofísica por georadar em Conimbriga*, Aveiro: Geoaviz. http://hdl.handle.net/10400.26/29261

Correia, Virgílio Hipólito (2004) – Os oleiros de Conimbriga, *Conimbriga* 43, pp. 215-226. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_43_11

Correia, Virgílio Hipólito (2013) – *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*, Coimbra: Inst. Arqueologia (*Conimbriga Anexos* 6). http://hdl.handle.net/10400.26/19545

Correia, Virgílio Hipólito (2019) – Desenvolvimento das escavações arqueológicas em Conimbriga (DEARCON, 2012-2018): apreciação sumária dos trabalhos e resultados, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 22, pp. 167-178. http://hdl.handle.net/10400.26/30694

Correia, Virgílio Hipólito, ed. (2021a) – *Catálogo das coleções do Museu Monográfico de Conimbriga*, Lisboa: DGPC/Bluebook.

Correia, Virgílio Hipólito (2021b) – Conimbriga. Descobertas recentes e novas problemáticas na arqueologia de Conimbriga (2017-2021), *in* Nogales Basarrate, Trinidad, ed. – *Ciudades romanas de Hispania*, Roma: L'Erma di Bretschneider (*Hispania Antigua*, Série Arqueológica 13), pp. 125-139. http://hdl.handle.net/10400.26/38495

Correia, Virgílio Hipólito; Roquinho, Pedro (2021) – Um contexto arqueológico na muralha baixo-imperial de Conimbriga, *in* Ruivo, José; Correia, Virgílio Hipólito, eds. – *Conimbriga diripitur. Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Coimbra: Imprensa da Universidade (*Humanitas Supplementum*), pp. 25-34. https://doi.org/10.14195/978-989-26-2149-4_2

Correia, Virgílio Hipólito; Ruivo, José (2021) – Conclusões: uma nova narrativa, *in* Ruivo, José; Correia, Virgílio Hipólito, eds. – *Conimbriga diripitur. Aspetos*

das ocupações tardias de uma antiga cidade romana, Coimbra: Imprensa da Universidade (*Humanitas Supplementum*), pp. 379-386. https://doi.org/10.14195/978-989-26-2149-4_16

Correia, Virgílio Hipólito; Valério, Pedro; Araújo, M. Fátima; Alves, Rafaela (2021) – Caracterização das actividades metalúrgicas na Casa atribuída a Cantaber (Conimbriga, prov. Lusitania, Portugal), *in Actas del XIII Congreso Ibérico de Arqueometria*, Oeiras: (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 29), pp. 49-56. http://hdl.handle.net/10400.26/39804

De Man, Adriaan (2006) – *Conimbriga, do Baixo Império à Idade Média*, Lisboa: Sílabo.

De Man, Adriaan; Correia, Virgílio Hipólito; Lovegrove, Sofia; Andrade, Francisco (2014) – Cerâmica medieval de Conimbriga, *in* De Man, Adriaan; Tente, Catarina, eds. – *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro de Portugal, séculos IX a XII*, Lisboa: Inst. Estudos Medievais, pp. 57-67.

Etienne, Robert; Fabre, Georges; Levêque, Pierre e Monique (1976) – *Fouilles de Conimbriga, II. Epigraphie et sculpture*, Paris: MAFP/MMC.

Hodges, Henry (1964) – *Artifacts. An introduction to early materials and technology*, Londres: John Baker.

Reis, M. Pilar; De Man, Adriaan; Correia, Virgílio Hipólito (2011) – Conimbriga, *in* Remolà Vallverdú, J. A.; Acero Pérez, J., eds. – *La gestión de los resíduos urbanos en Hispania*, Madrid/Mérida: CSIC/IAM (Anejos de AEspA 60), pp. 181-202. http://hdl.handle.net/10400.26/19598

Ruivo, José (2006) – Conjunto monetário tardo-romano da Casa do mediano absidado (Conimbriga), *Conimbriga* 45, pp. 301-309. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_45_16

Ruivo, José; Correia, Virgílio Hipólito (2021) – A desagregação do espaço urbano II. Escavações na Casa do mediano absidado, *in* Ruivo, José; Correia, Virgílio Hipólito (eds.) – C*onimbriga diripitur. Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Coimbra: Imprensa da Universidade (*Humanitas Supplementum*), pp. 163-178. https://doi.org/10.14195/978-989-26-2149-4_11

Seixas, Maria Teresa (1974) – Relatório sobre a análise científica das pastas, *in* Alarcão, Jorge – *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra: Faculdade de Letras (*Suplementos de Biblos* 8), pp. 171-202.

Tsakalidou, Aikaterini (2019) – *Kilns of Conimbriga* (Erasmus+ Program Trainee Report, unpublished), Conimbriga: Museu Monográfico/Aristotle University Thessaloniki. http://hdl.handle.net/10400.26/29589

FIG. 1 – *A Casa de Andercus em Conimbriga: A; localização do forno: B.*

FIG. 2 – *Rela de roda de oleiro das escavações na Casa de Andercus em 2021 (V.H.Correia ©MMC-MN).*

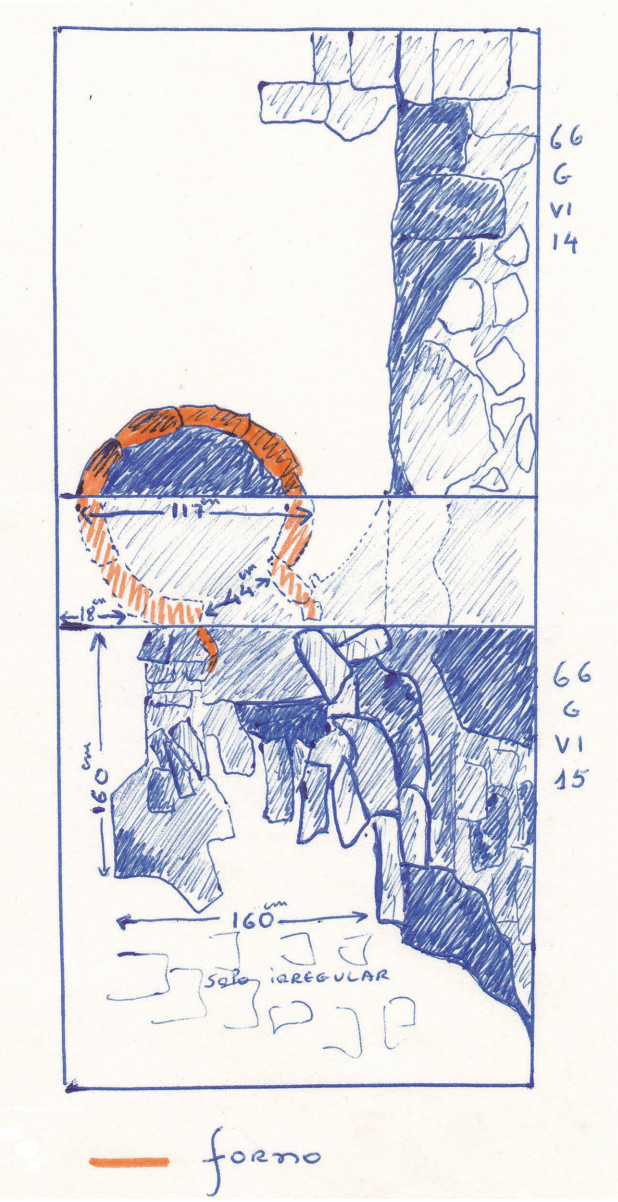

FIG. 3 – *O forno junto à Casa de Andercus, segundo os relatórios de escavação (Jacques Clémens/Maria Beatriz Oliveira ©Arquivo do MMC-MN).*

Fig. 4 – *O forno, no fim das escavações (J. M. Bairrão Oleiro ©Arquivo MMC-MN).*

Fig. 5 – *Restos ainda existentes do forno, em 2019 (H. Rendeiro ©MMC-MN).*

Fig. 6 – *Forno 85.C 80.F1*
(Salete da Ponte(?) ©Arquivo MMC-MN).

Fig. 7 – *Forno 85.C 77.F2*
(Salete da Ponte(?) ©Arquivo MMC-MN).

Fig. 8 – *Entaipamento de porta em C 77*
(H. Rendeiro ©MMC-MN).

Fig. 9 – *Modificação de estruturas residenciais em 2018.G XVII.39*
(V. H. Correia ©MMC-MN).

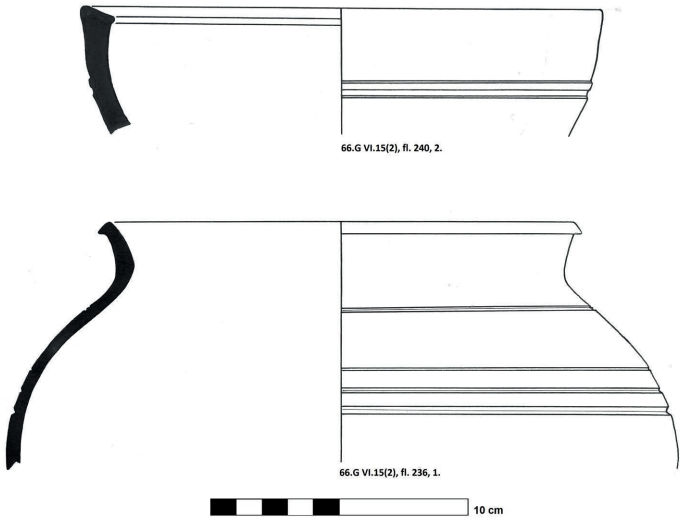

Fig.10 – *Cerâmicas de 66.G VI.14/15(2)*
(Maria Augusta Loreto©Arquivo MMC-MN).

Fig.11 – *Cerâmicas de 66.G VI.14/15(2)*
(V.H.Correia ©MMC-MN).